

# Brasil METAL



## INTERNACIONAL

Ano I Nº 392  
25 de Novembro de 2010

### Índice

Dilma anuncia nova equipe	01
CNM/CUT participa do Encontro do Setor Automotivo da FITIM	02
Portugal: Mais de 3 milhões fizeram greve	03
Sindicatos na Irlanda ameaçam protestos	03
Saúde do Trabalhador	04
Retomada da indústria naval e a soberania	05

## Dilma diz que nova equipe deve seguir política de Lula

Continuidade é a palavra que deve unir os esforços da equipe econômica anunciada nesta quarta-feira por Dilma Rousseff.

É o que expressa a nota que revelou os nomes escolhidos, segundo a qual a nova equipe – **Guido Mantega**, na Fazenda; **Alexandre Tombini**, no Banco Central; e **Miriam Belchior**, no Planejamento – deverá assegurar “a continuidade da bem sucedida política econômica do Governo Lula – baseada no regime de metas de inflação, câmbio flutuante e responsabilidade fiscal” e promover “os avanços que levarão o Brasil a vencer a pobreza e alcançar o patamar de nação plenamente desenvolvida”.



Único dos três anunciados a permanecer no cargo que já ocupava, Mantega antecipou que a prioridade em 2011 será ampliar o ajuste fiscal para abrir espaço para a quedados juros e manter o crescimento sustentado da economia. Afirmou que o governo pretende reduzir os gastos em 2011 após a estabilização da economia. Adiantou que a presidente eleita deseja que o crescimento supere a média dos últimos quatro anos, quando atingiu 5%.

Mantega disse que a contenção de gastos ocorrerá nas despesas de custeio (manutenção da máquina pública) e nos repasses do Tesouro Nacional ao BNDES. “Com essas medidas, estamos abrindo espaço para o setor privado fazer empréstimos de longo prazo. A redução do gasto público e da demanda estatal criará condições para queda dos juros”, observou. A contenção dos gastos fiscais é essencial para que a dívida líquida do setor público, atualmente em 41% do PIB, seja reduzida para 30% até 2014, ressaltou.

Tombini garantiu que a autonomia do BC será mantida na futura gestão. “A presidenta Dilma disse que nesse regime econômico consolidado pelo qual o Brasil passa não existe meia autonomia. É autonomia total”, comentou em entrevista. Argumentou que a autonomia “é da natureza do regime”. Declarou que o BC perseguirá o controle da inflação. Para o próximo ano, a meta está definida em 4,5%. Tombini também ressaltou que o regime econômico atual está baseado em três pilares bem definidos: estabelecimento de metas de inflação, transparência e prestação de contas.

Miriam Belchior pretende pautar seu trabalho em três eixos: “planejamento das ações de governo, busca de melhor qualidade dos gastos públicos e melhoria dos serviços prestados à população”. Entre as prioridades, Miriam citou a erradicação da miséria, a melhoria de qualidade dos serviços prestados nas áreas de educação, saúde, segurança e combate a drogas, além dos “investimentos para o país continuar crescendo”. Para ela, “é possível fazer mais com menos e é isso que vamos perseguir nos quatro anos do governo da presidente Dilma”. (*Brasília Confidencial*, 25.11.2010)

## CNM/CUT participa do Encontro do Setor Automotivo da FITIM

Aconteceu em 8 e 9 de novembro, na cidade de Detroit, a reunião do Grupo de Trabalho sobre o Automóvel da FITIM da Federação Internacional dos Metalúrgicos. 43 participantes de diversos países e montadoras estavam presentes, entre eles, o **secretário-geral da CNM/CUT, João Cayres**.

O Encontro serviu para definir os objetivos do setor automotivo para 2011 em nível mundial, fazendo uma análise do mercado atual, os próximos passos e estratégias para Rússia, Índia e China. Constatou-se também o impacto notável do mercado Chinês, o país mais emergente do mundo e o segundo maior mercado de automóveis. Na América Latina o destaque foi para o Brasil.

João Cayres ao lado de Bob King, presidente da UAW, em Detroit, agosto de 2010



Todas as montadoras presentes (Volkswagen, Daimler, BMW, PSA, Renault, Fiat, GM, Ford, Chrysler, Toyota, Honda, Hyundai/Kia, Volvo e Rolls Royce) decidiram por fazer uma rede mundial com base nos respectivos sindicatos. (Yuri Nunes - Imprensa CNM/CUT)

## Fortalecimento da Rede Mundial do Automóvel

A criação de redes sindicais, a sindicalização dos trabalhadores automotivos e a forma de enfrentar o desafio do trabalho precário foram os principais temas da reunião do Grupo de Trabalho sobre o Automóvel da FITIM, realizada nos dias 8 e 9 de Novembro, em Detroit.

Quarenta e dois delegados sindicais internacionais de 13 países reuniram-se em Detroit (Estados Unidos) para discutir os principais problemas dos trabalhadores da indústria automobilística no mundo. Os delegados representam os trabalhadores de quase todas as montadoras no mundo inteiro.

Durante o encontro, os participantes discutiram a evolução do mercado e a produção global de automóveis. A China é hoje o mercado de automóveis segundo maior do mundo (depois da Europa) e a indústria automobilística é altamente dependente desse mercado, e também do mercado latino-americano.

Foi consenso geral o fortalecimento das redes de empresa, mas também a nível internacional entre as diferentes empresas. A reunião decidiu restabelecer a rede sindical da GM/Opel e rede sindical Fiat/Chrysler em 2011, em dois encontros organizados pelo FITIM.

Durante o debate, os delegados sublinharam a necessidade de Acordos Marco Internacionais (AMI) e a sua utilização, e os representantes sindicais da Daimler e da Volkswagen enfatizaram isso com exemplos práticos.

O UAW apresentou um impressionante relatório sobre as suas atividades de sindicalização nas filiais de empresas automotivas europeias e asiáticas nos EUA, que foi seguido por um animado debate em que se elogiou o seu sucesso, mas também se afirmou que essa estratégia exige estreita colaboração com os sindicatos e os conselhos de "empresa matriz".

Um relatório do Comitê de Empresa da BMW levou a um debate sobre a necessidade de estabelecer relações com os representantes dos trabalhadores na China, e o representante do Comitê da VW comentou suas experiências a este respeito.

Cada um dos representantes de empresa anunciou seus próximos passos no fortalecimento da rede sindical internacional, e alguns expressaram seu compromisso de intensificar os seus esforços na Rússia, Índia e China.

Depois de um vivo debate sobre a evolução do mercado de trabalho, os delegados aprovaram uma resolução sobre o trabalho precário. O dramático aumento do trabalho precário requer muita atenção, e esse problema tem de estar entre os principais itens na agenda de todo o trabalho sindical. (Helmut Lense) (FITIM, 17.11.2010)

## Portugal:

### Mais de 3 milhões fizeram greve



Carvalho da Silva e João Proença destacaram que a greve geral foi a de maior impacto na história do país e sublinharam que o movimento traduziu a esperança dos trabalhadores num futuro melhor

CGTP e UGT afirmam que mais de 3 milhões de trabalhadores fizeram greve no dia de hoje. Em conferência de imprensa conjunta, Carvalho da Silva e João Proença destacaram que a greve geral desta quarta-feira foi a de maior impacto na história do país e sublinharam o apoio e a sensibilização da opinião pública para os objectivos da greve.

Carvalho da Silva fez questão de destacar que a paralisação não foi só do sector público, mas teve também grande abrangência no sector privado. "Não foi só a Autoeuropa", disse, "mas também nas corticeira, nas metalo-mecânicas, e em diversos outros sectores.

O líder da CGTP destacou a participação excepcional dos trabalhadores dos transportes, "não só públicos mas também do sector privado", destacou a paralisação total do sector portuário e da aviação civil – tirando os serviços mínimos de quatro voos nas ilhas – e ainda a greve nos tribunais, nas escolas e universidades. E ainda a enorme adesão na área da Saúde.

Para o sindicalista, a greve vai ter consequências no futuro, destacando também a cobertura internacional que a greve mereceu nos média. Esta greve deixa os trabalhadores mais exigentes e com mais força para as negociações com o governo, em questões como o salário mínimo e o apoio aos desempregados, avaliou.

João Proença sublinhou que a greve contra as políticas do PEC e traduziu a esperança dos trabalhadores num futuro melhor, e a exigência de mudança de políticas. "Recusamos o PEC 3, mas não aceitamos um PEC 4 nem um PEC 5", disse. "Os trabalhadores estão a dizer que este não é o caminho, que é preciso valorizar a criação de emprego".

O líder da UGT acusou o governo de estar a por em causa o princípio da negociação colectiva, ao querer reduzir os salários do sector público e apelar à redução de salários no sector privado. "E isso não aceitamos", concluiu. (*esquerda.net, 24.11.2010*)

### Sindicatos na Irlanda ameaçam protestos contra ajuste

A opinião pública irlandesa pode finalmente perder a paciência e tomar as ruas em protesto quando o governo anunciar as suas próximas medidas de austeridade, disseram os sindicatos trabalhistas neste sábado.

"Acho que estamos perto de atingir o limite," disse à Reuters Jack O'Connor, presidente da SIPTU -o maior sindicato trabalhista do país.

"As políticas que foram adotadas até agora têm sido falhas, atingiram seriamente pessoas de baixa e média renda e não vão funcionar," disse ele. "E haverá uma reação a esse tipo de política."

Sindicatos, grupos de estudantes e aposentados estão planejando um protesto em Dublin no sábado, dia 27 de novembro. A caminhada, organizada pela central sindical ICTU, pedirá uma maior justiça nos cortes do orçamento.

NEStA semana que vem, o governo vai divulgar o seu plano de quatro anos para cortar o pior déficit orçamentário da zona do euro, com o objetivo de ter uma economia de 15 bilhões de euros até 2014. (*Reuters/Brasil Online, 20.11.2010*)

# Saúde do Trabalhador

## CNM/CUT, FEM e Sindicatos realizam Encontro para discutir a saúde do trabalhador

Reunião faz parte das atividades realizadas pelo Coletivo Nacional de Saúde da CNM e visa socializar as informações sobre a aplicação do Nexo Técnico Epidemiológico-NTEP e Fator Previdenciário-FAP

O Encontro Regional de Saúde e Segurança do Trabalhador de Minas Gerais, em 11 e 12 de novembro, faz parte das atividades realizadas pelo Coletivo Nacional de Saúde da CNM/CUT, criado em 2009, cujo público alvo é cipeiros e secretários de saúde dos sindicatos.



Organizado pela CNM/CUT, FEM-MG e Sindicato dos Metalúrgicos de Juiz de Fora, o objetivo do Encontro é socializar as informações sobre a aplicação do Nexo Técnico Epidemiológico-NTEP e Fator Previdenciário-FAP, por ramo econômico, visando o debate crítico dos trabalhadores sobre a realidade das doenças e acidentes do trabalho e as políticas de vigilância em saúde do trabalhador.

Para realização dos debates estiveram presentes Domingos Lino, da Diretoria Nacional de Saúde Ocupacional do Ministério da Previdência Social, Dr. Luiz Fernando Dutra Diniz, perito médico previdenciário do INSS-Gerência de Contagem/MG e Marta de Freitas, da Fundacento MG.

Edson Rocha, Secretário de Saúde e Segurança da CNM/CUT, ressaltou a importância dos trabalhadores "olharem para sua saúde", e lembrou que "antes do governo Lula, com a inflação alta, havia uma correria pelo dinheiro, e essa era a prioridade a sobrevivência. Agora com a estabilidade, voltamos a olhar para esta questão com a importância que ela sempre mereceu", conclui. *(Yuri Nunes - Imprensa CNM)*

## Seminário Nacional dos Secretários de Saúde do Trabalhador

Artur reivindica canal de interlocução entre movimento social e sindical com governo para garantir o cumprimento de novas e antigas legislações de saúde do trabalhador

Durante o Seminário Nacional dos Secretários de Saúde do Trabalhador que teve continuidade nesta terça-feira (23) o presidente da CUT, Artur Henrique, falou sobre os desafios da Central para o próximo período.

Como em 2002 e 2006, resgata Artur, quando a direita foi derrotada pelo voto popular, uma pauta de questões baseadas na retirada dos direitos trabalhistas, redução dos investimentos sociais, diminuição dos gastos públicos, está sendo reproduzida pela mídia hegemônica, pautando uma agenda relacionada ao novo governo.

Frente a este embate, a CUT reafirma que as mudanças em curso precisam ser aprofundadas. E aparecem neste sentido ações de curto prazo, como o reajuste de R\$ 580,00 para o salário mínimo em 2011 sem que isso signifique qualquer antecipação a ser descontada em 2012, reajuste das aposentadorias acima de um salário mínimo, fim do fator previdenciário, correção da tabela do imposto de renda.

"A vitória de Dilma foi muito importante porque representa a continuidade do processo de avanços iniciado no governo Lula. Mas isso não garante que as nossas reivindicações serão atendidas. Portanto, a hora é de colocar o bloco na rua, mobilizar, organizar, porque sabemos que questões como as 40 horas semanais e a PEC do Trabalho Escravo sofrerão grande resistência no Congresso Nacional", pontua Artur.

Outra prioridade destacada pelo presidente da CUT é a criação de um espaço de interlocução do movimento social e sindical com o governo. Este espaço garantiria a cobrança do cumprimento de novas e antigas legislações de saúde do trabalhador. "Isso inclui o Ministério do Trabalho, onde se concentra a fiscalização e os escritórios regionais e outros ministérios que tratam da questão da saúde e do trabalho."

Ele informou que na próxima reunião da Direção Nacional a ser realizada no dia 30 de novembro e 1º de dezembro será discutida e definida as prioridades entre as 213 propostas contidas na Plataforma da CUT. "Logo no primeiro trimestre, mais precisamente em março, a CUT vai realizar uma ocupação pacífica em Brasília. A ideia é a partir da priorização das propostas contidas na Plataforma fazer pressão sobre o Congresso Nacional, Executivo e Legislativo para que implementem as nossas propostas", relata o presidente da CUT. *(William Pedreira) (CUT, 23.11.2010)*

## Retomada da indústria naval e a soberania



Para aqueles que, até mesmo nas fileiras da esquerda, chegaram a dizer que os candidatos presidenciais eram todos iguais, eis aqui uma estupenda diferença: enquanto os neoliberais conseguiram demolir e paralisar uma das mais expandidas indústrias navais do mundo, a brasileira - fazendo com que desde 2000 não se produzissem mais navios aqui - o governo Lula acaba por transformar o setor em fonte geradora de emprego, desenvolvimento tecnológico, promoção de justiça social e, especialmente, alavanca indispensável para se alcançar a soberania. O artigo é de Beto Almeida.

Muitas lições podem ser tiradas da retomada da indústria naval no Brasil que nesta sexta-feira lançou, no Estaleiro Mauá, em Niterói mais uma grande embarcação ao mar, o navio Sérgio Buarque de Hollanda. Mas, certamente, deve-se discutir com prioridade que não é possível pensar um Brasil soberano sem uma indústria naval desenvolvida. Para aqueles que, até mesmo nas fileiras da esquerda, chegaram a dizer que os candidatos presidenciais eram todos iguais, eis aqui uma estupenda diferença: enquanto os neoliberais conseguiram demolir e paralisar uma das mais expandidas indústrias navais do mundo, a brasileira - fazendo com que desde 2000 não se produzissem mais navios aqui - o governo Lula acaba por transformar o setor em fonte geradora de emprego, desenvolvimento tecnológico, promoção de justiça social e, especialmente, alavanca indispensável para se alcançar a soberania.

O que pensar de um país com costa superior a 8 mil e 500 quilômetros sem uma indústria naval desenvolvida? Eis aí a tarefa dos neoliberais que se ocuparam de destruir o que havia sido levantado na Era Vargas em particular. O Brasil chegou a ter a sua empresa estatal no setor, a Loyd Brasileiro, e a ocupar uma posição de destaque no cenário mundial da construção naval. A própria navegação de cabotagem teve expressivo desenvolvimento e nem podia ser diferente. Vargas chegou a criar a frota do álcool e do petróleo. Com o neoliberalismo dos anos 90 tem início a demolição devastadora. Ela alcançou todos os pilares estruturais do transporte, seja ferroviário (privatização da Rede Ferroviária), aéreo (privatização da Embraer) e o naval, com a privatização do Loyd Brasileiro seguida de uma programada desindustrialização. O desemprego foi dramático, generalizado.

### Organizadores de derrotas

Demolir a indústria naval é organizar a dependência, é organizar a derrota de uma nação. Mais que isto, é programar sua incapacitação para a defesa, pois sem indústria naval não há como ter também uma Marinha equipada à altura dos potenciais de riqueza que devem ser defendidos. As autoridades de defesa já indicaram, em numerosas oportunidades, a situação de desarmamento em que se encontra e ainda se encontra a Marina Brasileira, agora em fase de recuperação. É certo que ainda falta muito, porém, recuperar a indústria naval é condição indispensável para organizar uma capacidade de defesa do porte das magníficas riquezas que o petróleo pré-sal representa. Aí está o desafio. Nesta linha de raciocínio podemos concluir que uma indústria naval recuperada é fator que se junta à Nova Estratégia de Defesa Nacional.

Há alguns anos, antes da divulgação da existência do petróleo pré-sal, a imprensa noticiou a existência de um estranho relatório da CIA indicando que as plataformas da Petrobrás em alto-mar eram muito vulneráveis a atentados terroristas. Seria um relatório ou seria uma espécie torta de ameaça, ainda que velada? Agora, vemos a Quarta Frota dos EUA ser retomada e se insinuar pelos mares do sul depois de décadas paralisada. Junte-se a isto, a discussão recente na OTAN sobre a mudança de sua doutrina militar, cujo raio de operação deverá incluir o Atlântico Sul. De fato, na situação atual a Marinha não tem ainda as condições para realizar uma defesa efetiva de todo o potencial de riquezas contido na plataforma continental brasileira. Esta área, agora ampliada para 350 milhas, também chamada Amazônia Azul, possui, além de petróleo, gigantescas reservas de biodiversidade sempre desafiando nossas universidades e os centros de tecnologia da Marinha para o desenvolvimento das tecnologias apropriadas ao seu adequado aproveitamento em favor do nosso povo. >>>

### >>> Retomada da indústria naval e a soberania

Em resposta à proposta de intervencionismo ampliado da OTAN, o governo brasileiro, pela voz do Ministro da Defesa, Nelson Jobim, já afirmou que as nações desta região sul deverão capacitar-se para ter a condição de dizer NÃO quando chegar a situação de ter que dizê-lo concretamente, ou seja, tendo capacidade de defesa para fazê-lo. Sem indústria naval, sem tecnologia própria, sem indústria de defesa, não há como falar de soberania efetiva.

A retomada da indústria naval, o projeto do submarino nuclear, o reequipamento da Marinha, e, sobretudo, sua modernização, são medidas que sintonizam-se plenamente com a renacionalização da Petrobrás, sua consolidação e com medidas que recuperam o papel do estado na formulação das diretrizes econômicas. Ou seja, exatamente ao contrário dos governos neoliberais, para quem o estado deve ser mínimo. Afinal, ricos não precisam de estado. A informação de que há centenas de navios e embarcações encomendadas pela Petrobrás, gerando milhares e milhares de empregos qualificados e com carteira assinada, reforçam o movimento sindical, a previdência, o mercado interno. Até mesmo a Escola Técnica do Arsenal de Marinha, que há 10 anos estava paralisada, voltou a ativa e está formando técnicos imediatamente contratados pela construção naval. Até a estatal venezuelana, a PDVSA, tem encomendados no Brasil a construção de 17 embarcações petroleiras. Integração produtiva latino-americana é o outro ingrediente neste episódio.

### Soberania em vários quadrantes

Mas, para além desta conclusão que liga recuperação naval e soberania, o lançamento do novo navio, cuja madrinha é a cantora Miúcha, estimula a reflexão sobre outras medidas necessárias. Se era absurdo um país do porte do Brasil não tivesse uma indústria naval, também o é não ter sob controle público a indústria aeronáutica, sobretudo porque a Embraer foi produto de um esforço da poupança nacional, irresponsavelmente entregue aos interesses internacionais, quando há todo um potencial de aproveitamento da aviação regional por desenvolver aqui no Brasil. O resultado da privatização da Embraer e sua dependência do mercado internacional foi a demissão de mais de 4 mil trabalhadores da ex-estatal quando a crise estourou no capitalismo do primeiro mundo. Certamente, a estratégia deve voltar-se para o mercado interno. Como disse Lula no lançamento do “Sérgio Buarque de Hollanda” enquanto os EUA estão perdendo 70 mil empregos, o Brasil está gerando este ano mais de 2 milhões e meio de novos postos de trabalho. Aqui nasce uma nova classe média, nos EUA há uma erosão na classe média, que está sendo despejada, dormindo nas praças públicas... Com a imensidão do Brasil e sem sistema de transporte ferroviário eficiente - também foi demolido - a aviação regional poderia receber um grande impulso no Brasil, mas não sem antes recuperar o controle sobre a Embraer, como está fazendo na área naval e de petróleo.

### Cultura e soberania

Assim sucessivamente. Todas as medidas neoliberais resultaram em enormes prejuízos para a poupança popular, ou para a tecnologia nacional, ou para a soberania. Ou tudo junto. Se fôssemos analisar o cinema, por exemplo, quando existia a Embrafilme, cerca de 40 por cento do mercado cinematográfico era ocupado por produção nacional. Bons filmes e maus filmes, como em todo lado. Mas, havia uma indústria viva, gerando empregos, absorvendo talentos, renovando-se e superando em linguagem e em capacidade produtiva. O fim da Embrafilme jogou o cinema brasileiro no chão. Sob aplausos do cinema norte-americano que passou a ocupar 95 por cento do mercado brasileiro. E cinema também é soberania, como parte da construção da identidade nacional.

A retomada da indústria naval, do papel protagonista do estado, são medidas inequivocamente necessárias. E respondem concretamente aos sinais de aprofundamento da crise nos centros do capitalismo. E bem sabemos, pela história, que as crises mais agudas do capitalismo tendem a buscar superação na economia de guerra. Por isto o intervencionismo crescente, sem que Obama possa mudar quase nada. Por isso o reforço orçamentário da indústria bélica dos EUA, a principal rubrica do orçamento, o que equivale a uma ameaça contra os países que possuem grandes reservas de riqueza, como é o nosso caso. E ainda não nos recuperamos plenamente da devastadora demolição organizada pelos neoliberais, um desarmamento unilateral, em favor dos que pretendem tomar conta dos mares, ignorando soberanias e o direito dos povos.

Há um conjunto de sinais sombrios indicando que o mundo cobrará de nós brasileiros a coragem e a rebeldia de João Cândido, da Revolta da Chibata, o almirante negro da música de Aldir Blanc e João Bosco. Mas, a embarcação do Brasil Nação está encontrando o rumo certo.

**(\*) Beto Almeida é membro da Junta Diretiva da Telesur**